

La Comédiathèque

Os Náufragos do Réveillon

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Os Náufragos do Réveillon

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Aquele pequeno momento de pânico, no dia 31 de dezembro, quando não tens nenhum plano para a noite... Estás disposto a aceitar qualquer convite só para não receber o Ano Novo sozinho. Correndo o risco de ter a pior passagem de ano da tua vida...

Personagens:

Sissí: perdedor(a) depressivo(a)

Alex: convidado(a) parisiense

Pat: convidado(a) da província

Ben: convidado(a) do Facebook

Jo: prostituta (ou travesti)

5 personagens (sexo indiferente)

Distribuições possíveis:

5H, 1H/4M, 2H/3M, 3H/2M, 4H/1M, 5M

© La Comédiathèque

Sala de um apartamento vazio, mas preparada para uma festa de fim de ano low cost (decoração kitsch, buffet modesto). Algumas caixas espalhadas que podem servir de assentos ou mesas. Contra uma parede, um painel onde estão pendurados cachimbos de várias formas. Ao fundo do palco, uma tenda Quechua. O telefone toca. A secretária eletrônica atende.

Sissí (*em off*) – Olá, estás na casa de Sissí. Não posso atender agora, decidi suicidar-me. Também não vale a pena deixar mensagem, não vou conseguir ligar-te de volta.

Convidada 1 (*em off*) – Muito engraçada a tua mensagem, parabéns. Olha, ligava para dizer que... lamento muito, mas não vou conseguir ir esta noite à tua festa de Ano Novo. Esqueci-me completamente, mas já tinha outro convite. Bem, tem uma boa noite, feliz ano novo e, sobretudo, muita saúde.

A tenda abre-se, revelando Sissí, como um zombie a sair do caixão. Sissí é um rapaz de sexualidade ambígua, com rosto pálido. Ele engole uma caixa inteira de comprimidos de uma vez antes de desaparecer novamente dentro da tenda. O telefone toca outra vez.

Sissí (*em off*) – Olá, estás na casa de Sissí. Não posso atender agora, decidi suicidar-me. Também não vale a pena deixar mensagem, não vou conseguir ligar-te de volta.

Convidado 2 (*em off*) – Sim, olá, Sissí, espero que estejas bem. Só queria avisar que, afinal, esta noite não vai dar. Tenho uma amiga que... Enfim, não vou conseguir ir. Bem, boa noite, querido, e até para o ano, talvez.

Sissí reaparece para engolir outra caixa de comprimidos antes de desaparecer na tenda.

Escuridão, sugerindo uma eclipse.

Luz.

Ouve-se a campainha. Ninguém vai abrir. Alex, o/a parisiense, com estilo casual e moderno, entra com uma garrafa de espumante. Observa o local com cepticismo antes de avançar pela sala.

Alex – Está alguém aí?

Como ninguém responde, depois de olhar intrigado/a para a tenda, dirige-se ao buffet no lado oposto. Enquanto Alex está de costas, entra Pat, uma provinciana um pouco tímida, que fez um esforço na roupa, embora de gosto duvidoso para a ocasião. Traz uma garrafa de champanhe. Alex, que não a ouviu entrar, hesita antes de apanhar um punhado de amendoins. Vira-se e sobressalta-se ao ver Pat.

Alex – Bolas, que susto me deste!

Pat – Desculpa, a porta estava aberta e eu entrei.

Alex – Está bem.

Pat – Sou amiga da Chris. Foi ela que me convidou.

Alex – Está bem... Parece que ainda não chegou.

Pat – Não... Espero que não te incomode.

Alex – Que a Chris ainda não tenha chegado?

Pat – Que ela me tenha convidado.

Alex – Ah, não, mas... isto não é minha casa. Eu sou amiga de... Bem, esqueci o nome, mas... Enfim, como não tinha planos para a passagem de ano, foi ela que me sugeriu vir.

Pat – Pelos vistos, ela também ainda não chegou.

Alex – Não... Nunca a vi, mas... Se a vir, com certeza vou reconhecê-la. Espero...

Pat – Quem?

Alex – A rapariga que me convidou. Aquela cujo nome não me lembro e que ainda não chegou.

Pat – Ah, claro... Embora nem sempre seja fácil reconhecer alguém que nunca viste, assim, de repente, no meio das pessoas...

Alex – No meio das pessoas...

Pat – Estou a brincar. Porque, para já, só estamos nós as duas...

Alex (*apresentando-se*) – Sou Alex.

Pat – Pat.

Silêncio. Alex olha à volta.

Alex – Na verdade, não faço a mínima ideia de quem é esta casa... Nem sequer sei quem me convidou.

Pat – A verdade é que eu também não. Bem, eu sei quem me convidou, mas...

Alex – Planos foleiros de passagem de ano... Todos os anos é a mesma coisa. Tens medo de ficar sozinha, como uma otária...

Pat – Pois...

Alex – Eu tinha um plano, mas... caiu à última hora. Por isso, este é o plano B...

Pat – Pois...

Alex – E tu?

Pat – Ah não, eu... Eu não tinha plano A. Por isso, tu... Não tens mesmo ideia de onde estamos?

Alex – Não... Bem, sei onde estamos, mas... Só me deram a morada...

Pat – Sim, a mim também... Foi uma colega que...

Alex – Chris.

Pat – Isso... Mas tens a certeza de que... quer dizer, tens a certeza de que é aqui?

Alex – Que morada te deram?

Pat estende-lhe um pedaço de papel. Alex olha para ele.

Alex – Parece que é aqui.

Pat – Talvez tenhamos confundido o andar.

Alex – Bah... Há um buffet, não há? Aqui ou noutra sítio...

Pat – Sim...

Alex – Disseram-te que era uma festa de gala?

Pat – Não sei. Não. Porquê?

Alex – Pelo modo como estás vestida...

Pat – É passagem de ano, não é?

Alex – Eu vim assim.

Pat – Pois... Ainda assim, é estranho.

Alex – O quê?

Pat – Que não haja ninguém.

Alex – Pois, não sei...

Pat – Talvez não nos tenham ouvido.

Alex – Não nos tenham ouvido? Queres dizer...?

Pat – Quem nos convidou... Quer dizer, os donos desta casa...

Alex – Ou talvez estejam noutra divisão... A acabar de se preparar.

Pat – Noutra divisão... Isto não parece muito grande.

Alex – Talvez na casa de banho.

Pat – Por isso é que deixaram a porta aberta. Para podermos entrar enquanto esperamos.

Alex – Pois.

Silêncio desconfortável. O olhar de Pat fixa-se na tenda.

Pat – Que curioso... O que será aquela tenda?

Alex – Não sei... Talvez seja o quarto de hóspedes...

Pat – Sim... Para quem preferir ficar aqui depois da festa.

Um momento.

Alex – Trouxeste champanhe.

Pat – Sim.

Alex – Ótimo.

Pat – Disseram-me para trazer uma garrafa. Tu também, imagino...

Alex – Sim. Mas não vamos abrir uma garrafa de champanhe agora mesmo...

Pat – Não. Até porque faria barulho. Refiro-me à rolha.

Alex – Talvez isso os fizesse aparecer. (*Aproxima-se do buffet.*) Há sangria. A sangria não faz barulho. Queres?

Pat – Talvez devêssemos esperar que chegassem, não?

Alex – Sim, tens razão...

Pat – A verdade é que não há muita gente.

Alex – Pensar que a ideia era não passar a passagem de ano sozinho...

Pat – Pelo menos somos duas... Embora seja estranho. Já quase são onze. Não estarão já na cama, pois não?

Alex – Ou estão a dar uma... (*Pat olha-a um pouco escandalizada.*) Esperamos que acabem. Não devem demorar muito.

Pat – Não sei...

Alex – Tens outro plano para a passagem de ano? Quer dizer, alguma festa onde me possas convidar...

Pat – Não... Já te disse, não tenho plano B...

Alex – Que horas são?

Pat – Há cinco minutos eram onze. (*Olha para o relógio.*) São onze e cinco.

Alex – Então, não temos opção. Se não quisermos acabar o ano sozinhas...

Pat – Pelo menos somos duas.

Alex – Já dissemos isso, não?

Pat – Sim, talvez...

Um momento.

Alex – Aquele pequeno momento de pânico, no dia 31 de dezembro por volta das oito, quando não tens plano para a passagem de ano. Dá vontade de suicidar-se, não dá?

Pat – Sim... Sabias que há um aumento de suicídios na passagem de ano?

Alex – Não, mas não me surpreende nada. Como é que sabes isso? És agente funerária?

Pat – Sou carteiraira.

Alex – Carteira?

Pat – E reparei que entregamos muito mais avisos em janeiro.

Alex – Não estarás a confundir com os votos de Ano Novo?

Pat – Sou da Normandia... Foi lá que fiz o exame de entrada.

Alex – Há um exame para ser carteiro?

Pat – Pois há... E devo tê-lo feito assim-assim. Pedi o Monte Saint-Michel, mas mandaram-me para o 19.º distrito de Paris.

Alex – Entendido... Mas diz-me, os carteiros não organizam um baile na passagem de ano?

Pat – Os carteiros? Não, o baile é organizado pelos bombeiros.

Alex – Pois é... Os bombeiros...

Pat – Não conheço ninguém em Paris. Então a Chris disse-me que...

Alex – Ah, já percebi...

Pat – E tu?

Alex – Nasci em Paris. Mas não te preocupes, também não conheço ninguém...

Pat – Ah, está bem...

Alex – Se não, não estaria aqui esta noite, sozinha com alguém que não conheço, convidada por alguém que não conheço, em casa de alguém que não conheço.

Pat – E tu, o que fazes? Quero dizer, na vida...

Alex – Sou lixeiro.

Pat – Ah, já...

Alex – Quer dizer, lixeira. Não há exame para ser lixeira.

Pat – Imagino que os lixeiros também não organizem um baile todos os anos na passagem de ano.

Alex – É uma pena, seria engraçado de ver.

Pat – Não sabia que havia mulheres lixeiras.

Alex – É uma profissão que tem vindo a feminizar-se muito ultimamente. Provavelmente, uma nova conquista da luta pela igualdade de género.

Pat – Sim, é bom... E... é interessante como trabalho? Desculpa, que pergunta parva... Recolher o lixo dos outros, obviamente... Já dá trabalho levar o teu até ao passeio...

Alex – Não, mas... não é tão pesado como parece.

Pat – Ai sim?

Alex – Pelo menos tens a sensação de ser útil. Quero dizer... mais do que um professor de bairro ou um juiz de menores, percebes?

Pat – Sim... Eu também acho que carteiro é uma profissão injustamente desvalorizada. É verdade, nós também ajudamos as pessoas. No fundo, não fazemos trabalhos assim tão diferentes. E, além disso, quase somos concorrentes. Nesta época do ano.

Alex – Concorrentes?

Pat – Pelos calendários!

Alex – Ah, claro... Não, mas eu, lixeira, é algo provisório. Só faço isto para pagar as minhas aulas de teatro.

Pat – Ah, percebo... Que giro... Então és atriz?

Alex – Sim... Bem, por enquanto, sou sobretudo lixeira. Mas estou a trabalhar num projeto para montar uma peça que escrevi.

Pat – Ai sim?

Alex – Os Jogos do Acaso e do Amor.

Pat – Que giro...

Alex – Está inspirada na famosa peça de Marivaux, sabes?

Pat – Ah, claro...

Alex – É uma comédia romântica, mas muito contemporânea ao mesmo tempo.

Pat – E sobre o que é?

Alex – É um pouco complicado, mas... Resumindo, é a história de um virgem que joga na lotaria para poder pagar uma prostituta.

Pat – Ah, sim, é... Parece interessante. Mas imagino que montar uma peça dessas deve ser caro.

Alex – Fiz um crowdfunding. Mas para garantir, também comprei um bilhete para o Sorteio Extraordinário de Passagem de Ano.

Alex mostra o bilhete. Pat olha, desconfiada.

Pat (*olhando para o relógio*) – Vamos esperar, não temos outra opção, pois não? Os outros convidados devem estar a chegar.

Alex – Pois...

Pat – O que será tudo isto das caixas? Parece uma mudança...

Alex – Pelo menos, se ficarmos bêbedas, temos a certeza de não partir nada. E se não estivermos em condições de voltar a casa, podemos sempre dormir na tenda.

Pat – Não sei onde poderíamos arrefecer o champanhe. Se não o bebermos agora. O champanhe é melhor frio. O teu está frio?

Alex – É espumante. Com o estado da minha conta bancária, não me posso dar ao luxo de comprar champanhe. Mas está bem gelado. Esqueci-me dele no congelador.

Pat (*olhando para a garrafa*) – Uau, está mesmo congelada...

Alex – Sim... Um grande cubo de gelo com bolhas lá dentro.

Pat – Melhor não a pões no frigorífico, então.

Alex – Tens razão... Vamos esperar que descongele.

Silêncio desconfortável.

Pat – Isto é o que se chama esperar o degelo...

Alex – Pois é.

Pat – Quanto é o prémio do Sorteio Extraordinário de Passagem de Ano?

Alex – Vinte milhões. Se ganhar, já não preciso que me desejem um bom ano.

Pat – Vinte milhões... Nem consigo imaginar. O que se faz com vinte milhões?

Alex – Não sei... Suponho que possas começar por pagar para ter amigos com quem passar a passagem de ano. Quero dizer... amigos mais ou menos apresentáveis, percebes? Não como nós, vá lá...

Ben entra, com um look gótico. Tem borbulhas na cara e uma garrafa de sidra na mão.

Alex (*em voz baixa*) – E sobretudo não como ela.

Ben – Olá...

Alex – Olá.

Ben – Isto... É aqui?

Alex – Sim, mas chegaste atrasada. O Halloween foi há dois meses, e já não temos doces... (*Ben não percebe a piada.*) Desculpa, estava só a brincar...

Ben – Sou a Ben.

Pat – Pat.

Alex – Alex.

Ben – De qualquer forma, obrigada por me convidarem...

Alex – Ah, não, mas não te convidámos.

Ben – Ah, não?

Pat – Não, é que... Também fomos convidadas... Quer dizer, isto não é nossa casa.

Ben – Ah, está bem... Sou amiga do Jeff. Quer dizer, amiga de Facebook.

Alex – Jeff...?

Ben – Foi ele que me convidou.

Pat – Pelos vistos, ele ainda não chegou.

Alex – Não... Parece que todos os que nos convidaram para esta festa preferiram não vir.

Ben – Na verdade, nunca conheci o Jeff em pessoa. É só um amigo de Facebook.

Pat – Ah, já...

Ben – No geral, não conheço muita gente. Não saio muito.

Pat – Ah, já...

Ben – Mas desta vez, os meus pais correram comigo de casa. Quer dizer, da casa deles.

Pat – A 31 de dezembro? Mas isso é horrível...

Ben – Eles também estão a organizar uma festa de passagem de ano, mas não me convidaram... Por isso, não sabia muito bem para onde ir. Foi por isso que vim aqui.

Alex – Fantástico...

Ben – Vamos ser muitas pessoas?

Alex – Não sei... Por enquanto, somos três.

Ben – Então, de quem é esta casa?

Alex – Não faço ideia...

Pat – Só nos deram a morada...

Ben – Ah, já percebi. E têm a certeza de que é a morada certa?

Alex – Não... Trouxeste uma garrafa?

Ben – Sidra.

Alex – Champanhe, espumante, sidra... Estamos a descer de nível. Aposto que o próximo convidado aparece com uma garrafa de água com gás. Enfim, desde que tenha bolhas...

Ben percebe que as outras estão a olhar fixamente para ela.

Ben – O quê? O que é que tenho?

Pat – Não, não, nada, é só que...

Alex – O que é isso que tens na cara? Não é contagioso, pois não?

Ben – Ah, sim, as borbulhas... Não, é que estou a participar num teste para um laboratório farmacêutico. É um medicamento novo. São os efeitos secundários.

Alex – Uau... Espero que pelo menos seja bem pago.

Ben – Na verdade, é um pouco por isso que os meus pais me mandaram embora. Não queriam que eu assustasse os convidados da passagem de ano...

Alex – Que simpáticos.

Pat – Então, é isso que fazes como trabalho?

Ben – Cobaias? Ah, não, só faço isso para ganhar um pouco de dinheiro extra. Além do meu trabalho.

Alex – E o que fazes além disso?

Ben – Trabalho para um talho de carne de cavalo.

Pat – Um talho de carne de cavalo? Que horror... Não, desculpa, mas nem sabia que isso ainda existia.

Ben – Cuido do site deles.

Alex – És community manager para um talho de carne de cavalo?

Ben – Não, quer dizer... Para vários. É uma cadeia, na verdade.

Pat – Ah, está bem, percebo...

Silêncio desconfortável.

Alex – Então, esse tipo em cuja casa estamos, também não o conheces?

Ben – Não. Encontrei esta festa num evento de Facebook.

Alex – Bolas, é preciso estar muito desesperado para transformar a passagem de ano num evento de Facebook.

Pat – E ainda mais desesperado para aceitar o convite...

Ben – Pois... Na verdade, parece que fui a única que aceitou.

O telefone toca.

Alex – O que fazemos? Atendemos?

Pat – É um pouco estranho... Não estamos em nossa casa...

A secretária eletrónica atende.

Sissí (em off) – Olá, estás na casa de Sissí. Não posso atender agora, decidi suicidar-me. Também não vale a pena deixar mensagem, não vou conseguir ligar-te de volta.

Os três olham uns para os outros, perplexos.

Mãe (em off) – Sou a mãe. Espero que estejas bem. Eu tenho andado um pouco deprimida ultimamente. Contava com o meu filho para me animar, mas como sempre, não se pode contar contigo. Bem, liga-me se ainda não estiveres morto. Era a tua mãe.

Pat – Esta mensagem foi um pouco inquietante, não achas?

Alex – Achas?

Ben – Talvez devêssemos dar uma vista de olhos pela casa, só para ter a certeza de que não há um cadáver em algum armário.

Alex – Ótimo... Vão vocês duas, eu fico aqui, caso cheguem mais convidadas do Facebook.

Pat e Ben saem. Alex percorre a sala e para em frente à tenda.

Alex – Uma tenda...

Aproxima-se do buffet e serve-se de um copo de sangria. Depois para em frente ao painel com os cachimbos pendurados.

Alex – E uma coleção de cachimbos... Bolas, isto é estranho.

Pat e Ben voltam.

Ben – Não vimos nada.

Pat – Só há uma pequena cozinha e uma casa de banho.

Pat vê que Alex tem um copo na mão.

Pat – No fim de contas, tens razão. Não nos vamos deixar afundar, vamos beber qualquer coisa. Afinal, é passagem de ano.

Serve-se de um copo também, enquanto Ben inspeciona a sala.

Ben – O que é isto tudo? Parece uma mudança.

Alex – Se encontrares a caixa onde guardaram os pratos, seria mais prático para o buffet...

Ben olha para as caixas e o que está escrito nelas.

Ben – Quem sabe... Não diz nada.

Pat aproxima-se da tenda.

Pat – Esta tenda é um pouco estranha, não é? Assim no meio da sala...

Alex – Se queres a minha opinião, não é a única coisa estranha.

Pat – Para que será montar uma tenda na sala?

Ben – Abre-a e vais descobrir...

Pat – Achas? Não sei se... Bem, no fim de contas...

Pat abre a tenda e grita.

Pat – Meu Deus!

Alex – O que foi?

Pat – Há alguém lá dentro...

Ben – Como assim, alguém?

Alex e Ben aproximam-se.

Alex – Ora, pois é...

Ben – Parece que está a dormir.

Pat – É incrível. (*A Alex*) Estava aqui quando chegaste?

Alex – Não sei... Não vi ninguém.

Ben – Mas quem será este tipo?

Alex – Provavelmente quem nos convidou... Quer dizer, o dono da casa onde fomos convidadas.

Ben – Já está bêbado?

Pat – Bêbado? Mas ainda nem é meia-noite.

Ben – Acham que devemos acordá-lo?

Pat – Parece que está a dormir profundamente, é um pouco desconfortável...

Alex – Ou é o Frankenstein. Só sai da sua caixa depois da meia-noite...

Pat – Então, ninguém o conhece?

Ben – Não...

Alex – Tem ar de vagabundo.

Ben – Fechado em casa, numa tenda Quechua.

Pat – Hoje também não vamos encontrar um namorado...

Ben – Só nos resta emborracharmo-nos também, para esquecer que vamos acabar o ano sozinhas, como o começámos...

Alex – Tens razão. Estamos aqui para celebrar, não é?

Servem-se e bebem de um trago.

Ben – Esta sangria tem um sabor estranho, não acham?

Pat – Sim... Sabe a...

Alex – Definitivamente, não sabe a sangria.

Servem-se de outro copo.

Pat – Vou pôr música, pode ser que isso o acorde... (*Pat aproxima-se do equipamento de som.*) Ah, parece que nos preparou uma playlist...

Põe a música, muito alta e estranha. Começam a dançar de forma cómica ao ritmo desta música absurda. Ouve-se mal a campainha.

Pat – Abaixa um pouco a música, pareceu-me ouvir alguma coisa.

Alex abaixa a música. Ouve-se a campainha.

Alex – Estão a ver? Nunca se deve desesperar. Cá estão os outros convidados do Facebook!

Pat – Talvez devêssemos abrir.

Ben – Não está já aberta?

Entra Jo, uma prostituta (ou travesti).

Jo – Mas que raio de confusão é esta?

Alex desliga a música.

Alex – O que foi? Que se passa?

Jo – Que se passa? Gostava de poder dormir, está bem?

Pat – Dormir? Mas ainda nem é meia-noite! É passagem de ano, afinal de contas...

Ben – E, além disso, quem és tu?

Jo – Sou a vizinha de baixo. Mas na verdade sou eu quem devia perguntar quem são vocês. Hein? Quem são vocês?

Alex – Nós? Pois... Somos...

Pat – As convidadas.

Jo – As convidadas? E o Sissí, onde está?

Ben – Sissí?

Jo – Não conhecem o Sissí?

Alex – Não. Quem é o Sissí?

Jo – Quem é o Sissí?

Pat – Pois é, quem é o Sissí?

Jo – Estão na casa do Sissí e não conhecem o Sissí?

Alex – Sim, sim, bem...

Ben – Ah, pronto, ele chama-se Sissí.

Jo – Mas então, o que é que estão a fazer aqui?

Pat – A Chris convidou-me...

Alex – E a mim...

Jo – E o Sissí, onde está?

Alex – Pois está ali, ao lado... A dormir.

Jo – É 31 de dezembro, ele está a dormir ali ao lado, e deixou-vos a casa para celebrarem sem ele?

Pat – Sim, é... Dito assim, pode soar um pouco estranho, mas... Sim, mais ou menos.

Jo – Nada disto faz sentido... Pergunto-me se não deveria chamar a polícia... Porque, a sério, gostava de dormir!

Ben – É passagem de ano, não te vais deitar antes da meia-noite!

Alex – Estás sozinha esta noite?

Jo – Bem... sim.

Pat – Junta-te a nós para beberes alguma coisa. Vá lá, a sério. Não podes ficar sozinha numa noite destas.

Jo hesita, mas acaba por relaxar um pouco.

Jo – Pronto, está bem. Só um copo rápido, está bem?

Alex – O que queres beber?

Jo – O que houver.

Alex – Está bem.

Ben serve-lhe um copo de sangria.

Pat – Como te chamas?

Jo – Jo. (*Bebe*) Que coisa horrível é esta?

Pat – Acho que é sangria.

Jo – Pois não sabe nada a sangria.

Alex – Na verdade, nada disto parece uma passagem de ano.

Jo – A verdade é que hoje está tudo bastante calmo... Refiro-me ao trabalho.

Pat – Ah, sim? O que fazes?

Jo – Digamos que sou freelancer no setor de serviços pessoais.

Pat – Ah, já... E trabalhas em casa?

Jo – Sim, pode-se dizer que sim. Tenho horários de atendimento, mas também faço visitas ao domicílio para quem não pode deslocar-se.

Pat – Entendido... Então... é calmo na passagem de ano?

Jo – Sim... Não sei porquê. A maior parte dos meus clientes é um pouco depressiva. Mas nesta altura... O pior é no dia 24 à noite. Exceto alguns perversos que aparecem vestidos de Pai Natal.

Alex – Conheces bem o tipo que mora aqui?

Jo – Bem, de vista... No que diz respeito a depressivos, ele leva o prémio.

Pat – Tanto assim?

Jo – É o tipo de pessoa que esperas encontrar um dia pendurado com o cortinado da casa de banho.

Alex – Já percebi...

Jo – Na verdade, surpreende-me que tenha amigos suficientes para organizar uma festa. Mas, onde é que ele está, a propósito?

Ben – Está ali... Está a dormir na tenda.

Jo – Ah, já...

Alex – Não te surpreende, pois não? Normalmente, quando se dorme numa tenda, é na rua, não é?

Jo – Talvez esteja a treinar para quando acabar na rua.

Pat – Tens razões para pensar que ele vai ficar sem teto?

Jo – Não viram a ordem de despejo na porta?

Ben – Não...

Alex – Então era por isso que estavam ali as caixas. Uma mudança.

Jo – Exato... Só que, depois da mudança, ele vai instalar-se nas caixas.

Um momento.

Ben – Ele é teu cliente?

Jo – Não. No início nunca tinha dinheiro para pagar. E depois, quando conheces as pessoas, não é fácil cobrar-lhes...

Alex – Pois, é claro.

Jo – Tentou engatar-me. É bastante chato, para ser honesta. Mas não estou tão desesperada que vá para a cama com um tipo assim de graça.

Ben – Percebo...

Silêncio. Pat olha para o relógio.

Pat – Já está quase na meia-noite...

Alex – Pois está...

Ben – É curioso ele não se ter acordado com o barulho da música, não acham?

Pat – Acham mesmo que devemos deixá-lo dormir? Não vamos celebrar a entrada no novo ano sem ele...

Alex – Tens razão, tenta acordá-lo.

Pat (*a Ben*) – Não queres tentar tu?

Ben – Está bem...

Ben abre a tenda e sacode-o um pouco.

Ben – Isto é estranho.

Alex – O que foi?

Ben – Parece que está morto.

Pat – Morto?

As três aproximam-se para olhar.

Alex – Ah, sim, raios...

Pat – Não pode ser!

Jo – Parece mais rijo que um pau.

Ben – O que fazemos?

Pat – Talvez devêssemos chamar a polícia.

Um momento de hesitação.

Alex – Ou vamos embora, não?

Ben – Ainda nem é meia-noite e sobra sangria. Não vamos sair assim tão cedo.

Alex – Tens razão, se está morto, pode esperar até ao ano que vem...

Jo – Bem, eu vou embora. Não quero estar metida nisto. (Olha para o telemóvel.) Na verdade, tenho um cliente daqui a dez minutos.

Ben – Não disseste que estava tudo calmo esta noite?

Jo – Parece que o negócio está a mexer outra vez. Em qualquer caso, aviso-vos já, eu nunca vos vi e não sei de nada disto.

Jo sai.

Pat – Então, o que fazemos?

Ouve-se o som de fogos de artifício que podem ser confundidos com tiros.

Ben – O que é isso?

Alex – A polícia já está a entrar?

Ben – São fogos de artifício!

Pat – Pois é. Vamos até à varanda, deve dar para ver melhor!

As três saem para a varanda para ver o espetáculo. Enquanto isso, Sissí sai da tenda como um zombie... Ambiente de filme de terror. Não vê ninguém. Como um sonâmbulo, sai um momento para vomitar e fechar a porta. Depois volta e atende o telefone.

Sissí – Sim, mãe, sou o teu filho, Sissí. Desta vez falhei, mas para a próxima vai ser definitivo, vais ver.

Sai novamente. Alex, Pat e Ben voltam.

Pat – Bem... Foi um belo espetáculo de fogos de artifício.

Ben – Sim, incrível.

Pat (*olhando para o relógio*) – Faltam dois minutos para a meia-noite!

Alex – Enquanto isso, vou ver se ganhei alguma coisa na lotaria.

Olha para o telemóvel.

Alex – Vamos ver... Loteria Nacional... Sorteio Extraordinário de Passagem de Ano... Pois não. Este ano também não houve milagre...

Ben – Quanto podias ter ganho?

Alex – Vinte milhões de euros.

Ben – Meu Deus, não está nada mal.

Pat – Já está! Cinco, quatro, três, dois, um... Feliz ano novo!

Alex e Pat abraçam-se.

Alex – Feliz ano novo!

Pat – E, acima de tudo, muita saúde...

Ben aproxima-se para abraçar Alex, mas Alex afasta-se um pouco.

Alex – Desculpa, mas com essas coisas na cara...

Ben – Não, não, percebo.

O ambiente arrefece.

Pat – Quase nos esquecíamos do cadáver...

Alex – Bem, vá, já chega. Agora vamos embora, e rápido.

Pat – Tens razão. Não temos nada a fazer aqui. Afinal, nem sequer conhecemos este tipo.

Saem.

Alex – O que foi?

Pat (*fora de cena*) – A porta está trancada!

Alex – Deixa ver... Ah, sim, raios...

Ben (*fora de cena*) – As chaves não estão na porta?

Alex (*fora de cena*) – Não, e é uma porta blindada.

Pat – Isto é surreal.

Ben – Então, o que fazemos?

Pat – O que queres que façamos? Se está trancada, está trancada...

Voltam.

Alex – Bolas, tinha um mau pressentimento em relação a esta passagem de ano.

Pat – E eu, que sou meio claustrofóbica. Não podemos sair! Estamos presas neste apartamento com um zombie!

Ben – Tenho um mau pressentimento, isto faz-me lembrar um filme...

Alex – Que filme?

Ben – Um de terror... *San Valentim Sangrento*.

Pat – Sobre o que é?

Ben – Quatro raparigas que humilharam um tipo há anos na escola. O tipo volta para as matar.

Pat – Mas somos três.

Ben – Com a Jo, a prostituta, já somos quatro.

Alex – Bem, não é o caso. Mas porque é que esse tipo nos quereria matar?

Pat – Não lhe fizemos nada. Nem sequer o conhecemos.

Ben – Quem sabe? Talvez tenha posto algo na sangria para nos envenenar.

Alex – Isso, drogou-nos e depois vai cortar-nos em pedaços com um machado...

Pat – É verdade que a sangria tem um sabor estranho.

Alex – Ou talvez seja um pervertido que quer violar-nos.

Ben – Achas?

Pat – Já não há escolha. Temos de chamar a polícia. (*Pat pega no telemóvel e marca um número.*) Vamos dizer que este tipo nos sequestrou.

Pat – Mas não estava morto?

Ben – Talvez seja um morto-vivo.

Alex – Um tipo que vive numa tenda dentro da própria casa...

Pat – Está a chamar.

Ben – Mais vale confirmar...

Pat – Confirmar o quê?

Ben – Se ele está mesmo morto.

Alex – Estás louca? O que estás a fazer?

Ben levanta a lona da tenda.

Ben – Já cá não está!

Alex – O quê?

Ben – O morto! Já não está na tenda!

Pat desliga o telemóvel.

Pat – Então, onde está?

Alex – Bolas...

Consternação geral.

Pat – Como acaba esse filme de terror?

Ben – Mal. Muito mal...

Alex – Os filmes de terror raramente terminam bem.

Pat – Não temos outra opção, temos de ver se ele está noutra parte do apartamento.

Ben – E é melhor termos algo para nos defendermos...

Cada uma pega na garrafa que trouxe, segurando-a pelo gargalo, e saem para procurar no apartamento. Voltam pouco depois.

Pat – Nada.

Ben – Não sei se isso deveria tranquilizar-nos.

Pat – Achas que esse zombie pode ter poderes sobrenaturais?

Ben – O que achas? Como é que um cadáver sai de um apartamento com uma porta blindada trancada?

Alex – Não sei... Talvez com a chave, por exemplo... Mas tens razão, temos de estar alerta.

Pat – Acho que preciso de um copo.

Ben – Vamos evitar a sangria, só por precaução.

Alex – Este é o momento perfeito para abrir o champanhe. Pode ser a última vez que o bebemos.

Alex abre a garrafa e enche os copos. Brindam.

Ben – Vá lá, feliz ano novo!

Alex – Sim, claro... Feliz ano novo para ti também...

Ben para em frente ao painel com os cachimbos pendurados.

Ben – O que é isto?

Alex – Uma coleção de cachimbos, ao que parece.

Pat – É preciso ser mesmo perturbado para colecionar cachimbos...

Enquanto as três estão diante do painel, Sissí reaparece atrás delas, com o rosto um pouco ensanguentado. Elas viram-se ao ouvi-lo.

Sissí – Olá, meninas! Como estão?

Momento de pânico. Pat pega numa garrafa e, com uma violência inesperada, dá-lhe uma pancada na cabeça. Sissí desaba no chão.

Pat – Desta vez acho que está morto...

Alex – Mataste-o?

Pat – Mas ele já não estava morto? É um zombie! Não se pode matar um zombie!

Ben – Vai ser complicado explicar isto à polícia.

Apressam-se a socorrer Sissí e fazem tudo para acordá-lo. Sissí recupera a consciência. O seu olhar fixa-se primeiro em Ben, a gótica.

Sissí – Então, isto é o inferno?

Alex – Não, não, calma. Continuas na tua casa.

Sissí surpreende-se ao ver tanta gente no seu apartamento.

Sissí – O que me aconteceu?

Alex – Não sei... Pelos vistos, tiveste um pequeno desmaio...

Sissí – O que estão a fazer aqui? Não vos conheço...

Pat – Sou amiga da Chris... Foi ela que me convidou. Espero que não te incomode...

Sissí – Chris?

Alex – Eu sou amiga de... Mas de certeza que também não a conheces.

Ben – E eu sou... a convidada do Facebook!

Sissí – Ah, Ben! Acabaste por vir.

Alex – Estás bem?

Sissí – Tinha organizado uma festa, mas toda a gente cancelou.

Alex – Puxa, que chatice...

Pat – Mas nós estamos aqui.

Sissí – Ainda bem, porque tinha planeado dividir as despesas.

Alex – Ah, que bom...

Sissí – Se ninguém tivesse vindo, estava lixado...

Pat – Pois, claro...

Alex – Quanto é que dá...?

Sissí – Ainda não calculei. Gastei os 300 euros que tinha na conta-poupança. Dividimos pelos que estamos aqui.

Ben – Trezentos euros? Dividido por...

Sissí – Três.

Alex – Pois, que maravilha...

Sissí – Foi em parte por isso que tomei os comprimidos. Ao ver que ninguém vinha.

Pat – Que tipo de comprimidos?

Sissí – O que encontrei na farmácia de casa. Só tinha aspirinas e calmantes...

Alex – Pois claro, não funcionou...

Sissí – Não, por isso atirei-me pela janela.

Ben – Mas como estamos num rés-do-chão, também não funcionou.

Sissí – Caí num arbusto. E ricochetei num colchão velho.

Ben – Puxa, que azar...

Sissí – Mesmo assim, acabei no asfalto. Foi por isso que arranhei um pouco a cara. A parte boa dos calmantes é que nem sequer me dói.

Ben – Bem, pelo menos isso é positivo.

Sissí – E tu... O que tens na cara?

Ben – Estou a participar num teste para um laboratório farmacêutico.

Sissí – Pagam-te para tomares medicamentos?

Ben – Dou-te o endereço, se quiseres. Pode ser que precisem de alguém para testar comprimidos para suicídio.

Sissí desata a chorar.

Pat – O que foi? O que tens?

Ben – Calma, estamos aqui agora.

Sissí – Pois é... Vocês vieram... Emociona-me muito que estejam aqui.

Alex – Pois claro...

Sissí – É verdade, podiam ter celebrado a passagem de ano em qualquer lugar. E escolheram celebrá-la comigo.

Pat – Pois é...

Sissí – Querem um cachimbo?

Pat – Desculpa?

Sissí – Tenho uma coleção ali. Comprei no Wallapop. Interessam-se?

Alex – No Wallapop? Ou seja, são...

Pat – Cachimbos em segunda mão, como se diz.

Alex – Mais cachimbos de segunda boca, na verdade... Parece tentador, mas...

Ben – E se bebêssemos qualquer coisa melhor?

Pat – Afinal, estamos aqui para celebrar, não é?

Alex – É passagem de ano!

Servem-lhe champanhe e todos bebem.

Ben – E se puséssemos um pouco de música?

Sissí – Claro...

Ben põe música e dança com Sissí. Alex e Pat afastam-se um pouco dos dois.

Alex – Para ser sincera, esta música dá mais vontade de se suicidar.

Pat – Começo a perguntar-me se fizemos bem em aceitar este convite...

Alex – Se é que se pode chamar convite...

Ben – Tenho a sensação de que este tipo não vai chegar ao final da noite.

Sissí desaba. Ben para a música. Pat e Alex levantam Sissí e sentam-no.

Pat – Estás bem?

Sissí – Devem ser os comprimidos... misturados com o ponche.

Pat – Era ponche? Já achávamos que, para sangria, tinha um sabor estranho.

Sissí – Na verdade, misturei os restos de todas as garrafas que tinha no armário. Não sei como lhe chamar...

Alex – Espero que não seja tóxico.

Sissí – Não estou muito bem ultimamente. Acabei de ser despedido. Não tenho um tostão e recebi o aviso de despejo.

Alex – Bolas...

Pat – Mas de certeza que vais encontrar um sítio onde ficar.

Alex – Embora, claro, sem trabalho...

Ben – Em que é que trabalhavas?

Sissí – Fazia as vindimas.

Alex – Bem, é um trabalho bastante temporário, não é?

Pat – E não podes voltar para casa da tua mãe?

Sissí – A minha mãe? Ela já vai na quarta tentativa de suicídio.

Alex – Então, se é uma tradição de família...

Ben – Pelo menos, se acabares na rua, já tens uma tenda.

Sissí – Nem a minha namorada veio esta noite.

Ben – Ah, tens namorada?

Sissí – Bem, ainda não é exatamente minha namorada. É a vizinha de baixo.

Pat – A Jo?

Sissí – Conhecem-na? Justamente a tinha convidado esta noite para... Mas também não veio... (*Começa a chorar.*) Desculpem, já não tenho lenços.

Sissí sai.

Pat – Pobre homem...

Alex – Sim, mas o que podemos fazer por ele?

Ben – Mora mesmo por baixo. Talvez pudéssemos ajudá-lo.

Alex – Ajudá-lo? Queres comprar-lhe um cachimbo para acrescentar à coleção ou quê?

Pat – Parece que ele não percebeu bem o que a vizinha realmente faz como freelancer...

Alex – Serviços pessoais, já sabes...

Ben – Então, o que fazemos?

Alex – Pronto, eu vou. Vou ver o que posso fazer...

Alex sai.

Pat – Isto não me cheira nada bem.

Ben – O quê?

Pat – Tudo isto. Esta noite de merda. É a pior passagem de ano da minha vida. E a tua?

Ben – Deixa-me pensar... Não, acho que não.

Pat – Não? Já tiveste uma passagem de ano pior do que esta? Agora quero mesmo saber.

Ben – Tinha uns dez anos. Os meus pais e eu fomos convidados pelo meu tio, que é tanatoprator em Badajoz. Fica na Extremadura. Conheces Badajoz?

Pat – Não...

Ben – Na verdade, nem tenho a certeza de que fosse mesmo meu tio, mas enfim... Chegámos lá, e o meu tio diz-me: "Queres ver onde eu trabalho?" Eu desconfiava um pouco, porque os meus pais tinham-me dito que ele tinha acabado de sair da prisão por um caso estranho com menores. Mas eu, na altura, achava que "menores" eram aquelas pessoas que trabalham nas minas. Enfim, aceitei ir com ele à morgue e lá...

Pat – Desculpa, mas acho que não quero ouvir essa história.

Jo, a vizinha, volta com Alex.

Jo – Vá lá... Esse tipo faz a cena do suicídio pelo menos uma vez por semana. É um desequilibrado. Nem morta cedo ao seu chantagem.

Alex – Mas, onde está o Sissí?

Pat – Oh, raios!

Pat sai apressada e volta logo depois.

Pat – Tentou afogar-se na banheira...

Alex – Está decidido a estragar-nos a noite.

Pat – O que fazemos? Chamamos os serviços de emergência?

Jo – Desta vez está mesmo morto?

Vão à casa de banho e trazem Sissí.

Pat – Parece um pouco morto, não?

Alex – Não completamente, ao que parece...

Ben – Devíamos fazer-lhe respiração boca a boca.

Alex – Eu não sei fazer... Quem se oferece?

Todas olham para Jo.

Jo – O que acham? Que para trabalhar na minha profissão é preciso ter formação em salvamento?

Ben – Eu posso tentar.

Alex – Pronto.

Ben faz-lhe respiração boca a boca.

Jo – Pergunto-me se ele não terá montado isto tudo só para isto...

Sissí recupera a consciência e vê o rosto cheio de borbulhas de Ben inclinado sobre ele.

Sissí – Agora sim estou no inferno... Vi um súcubo a sugar-me o sangue!

Jo – Bem, eu não tenho tempo para estas tontarias. Vá lá, pessoal, têm com que pagar, sim ou não?

Alex – Aceitas cheques?

Jo – Claro, e porque não vales de refeição também? Vá, vou-me embora. Tenho trabalho pendente, caso não saibam...

Jo sai. Sissí recupera totalmente a consciência.

Pat – Voltaste a falhar.

Alex – A este ponto, quase dá pena.

Pat – Sim...

Ben – Talvez devêssemos ajudá-lo.

Pat – Ajudá-lo a suicidar-se? Isso chama-se homicídio, não?

Ben – Não, ajudar-lhe a... encontrar alguém.

Pat – Embora, se estamos aqui esta noite, é porque estamos tão desesperadas quanto ele...

Alex – Podíamos fazer-lhe acreditar, pelo menos esta noite, que tem uma oportunidade...

Pat – Com quem?

Alex – Tens razão, não vai funcionar.

O telefone toca. Sissí não atende. Pat decide pegar.

Pat – Sim? Olá, senhora. Não, não sou a noiva dele. Não, também não sou prostituta. Sim, passo-lhe já. *(Para Sissí)* É a tua mãe...

Sissí pega no telefone.

Sissí – Sim... Não, não estou morto... Sim, eu sei, falhei em tudo na vida, até no meu suicídio... Sim, não te preocupes, recebi o teu presente, obrigado. Também te desejo um bom ano. Adeus, mãe...

Desliga.

Alex – Está tudo bem?

Sissí – Nasci a 31 de dezembro. E à minha mãe não ocorreu nada melhor do que chamar-me Silvestre.

Pat – Daí essa alcunha tão ridícula.

Alex – Sissí...

Sissí – Por isso, 31 de dezembro é também o meu aniversário e o meu dia de santo. E como calha só uma semana depois do Natal...

Ben – Puxa, que azar...

Sissí – Todos os anos, desde que nasci, entre o Natal e o Ano Novo, a minha mãe dá-me um bilhete de lotaria com a minha data de nascimento como número. Esse é o meu presente de Natal e de aniversário.

Ben – A vida é uma lotaria.

Sissí mostra um bilhete de lotaria e deixa-o sobre uma caixa.

Alex – Eu também joguei. No Sorteio Extraordinário de Passagem de Ano. Mas, infelizmente...

Pat – Nesse caso, pode ser que tenhas uma oportunidade, Sissí... Azar no amor, sorte ao jogo...

Alex – Já verificaste se ganhaste?

Sissí – Nem sequer... No início, todos os anos esperava os resultados com entusiasmo. Como uma criança a espreitar debaixo da árvore para ver se o Pai Natal passou... Mas agora nem olho. Percebi que o Pai Natal não viria... E no que toca ao amor...

Ben – O quê?

Sissí – Bem... também percebi que a Mãe Natal também não ia aparecer.

Pat – Não? Queres dizer que...?

Sissí – Sim, eu sei, é difícil de acreditar, mas nunca conheci o amor. Segundo as estatísticas, à minha idade, parece que é muito raro...

Ben – Nem sabia que havia estatísticas sobre isso.

Alex – Os Jogos do Amor e do Azar...

Sissí – Compreendem que todos os anos, nesta altura, fico um pouco deprimido... Desculpem-me um momento...

Pat – Não vais enforcar-te com o cortinado da casa de banho, pois não?

Sissí – Calma, desta vez só vou vomitar à casa de banho.

Sissí sai.

Ben – Devíamos fazer algo por ele.

Pat – O quê?

Alex – Queres oferecer-te?

Pat – Eu não, mas... E tu, Ben?

Ben – Para ser sincera, quase tenho pena, mas... Não sei se sou o tipo dele.

Pat olha para ela com ceticismo. Alex examina o bilhete de lotaria que Sissí deixou. Sissí regressa. Alex deixa o bilhete.

Alex – Onde é a casa de banho?

Sissí – No fundo do corredor.

Alex – Acho que também vou vomitar.

Alex sai.

Sissí – Sirvam-se de algo para beber, sim?

Ben – Claro...

Sissí – De qualquer forma, obrigado por terem vindo.

Ben – Sabes, não tínhamos muita escolha... Era isto ou passar a passagem de ano sozinhas.

Sissí – Mesmo assim, é simpático. Tenho a certeza de que, entre todos os que convidei, alguns preferiram passar a passagem de ano sozinhos.

Pat – Sim... E, curiosamente, começo a perceber porquê.

Alex regressa.

Alex – Verifiquei os resultados da lotaria antes. Tinha colocado um alerta. Eu perdi, mas nunca se sabe, devias ver se saiu a tua data de nascimento.

Sissí – Não sei... Já não acredito em nada...

Alex – Espera, vejo por ti. Olha, aqui está...

Alex mostra-lhe o ecrã do telemóvel. Sissí olha, primeiro incrédulo.

Sissí – Não são os meus números.

Alex – Ah, que chatice... Não, espera, olha bem. Tens quatro números!

Sissí – E então?

Alex – Isso já é bastante dinheiro.

Sissí – Quanto?

Alex – Espera um momento... Quatro números... Cinquenta mil euros!

Sissí fica, primeiro, atónito.

Sissí – Não pode ser. Tens a certeza?

Alex – Totalmente. Olha, está aqui escrito.

Pat – É incrível...

Sissí começa a acreditar.

Sissí – Então, ganhei?

Alex – Pois sim.

Sissí – Desde que nasci, nunca tinha ganho um euro no Sorteio Extraordinário da Passagem de Ano. Sentia que Deus se tinha esquecido de mim, e agora... É graças a vocês! É um milagre! E vocês são os meus Reis Magos!

Alex – Também não exageres...

Sissí – Vamos partilhar.

Alex – Isso dizes agora porque tomaste comprimidos, mas amanhã vais arrepender-te, acredita.

Sissí – Íamos dividir as despesas da festa, por isso é justo. Entre amigos, partilha-se tudo! O bom e o mau...

Ben – Visto assim, faz sentido.

Alex – Não, tens de guardar esse dinheiro para ti, Sissí. Precisas mais do que nós.

Pat – Bravo, Alex, vejo que te julguei mal. Também acho que isto é um sinal dos céus. Este dinheiro será um novo começo na vida dele...

Sissí – Bem... De qualquer forma, não vos vou pedir para contribuírem para a festa.

Alex – Isso é bom, Sissí... É muito generoso da tua parte. Obrigada.

Sissí – Vou contar isto à Jo. Esperam por mim?

Sissí sai.

Pat – É incrível. Este tipo estava no fundo do poço. E, de repente...

Alex – Tens razão, é um milagre.

Pat – Deus existe... Acho que acabei de recuperar a fé...

Alex – É verdade, é incrível. Como se costuma dizer, nunca se deve perder a esperança.

Ben – Eu também precisava de um empurrãozinho...

Pat – Então tenta a tua sorte também!

Alex – Pode ser que o Diabo também decida dar-te uma ajudinha...

Sissí volta com Jo, vestida de Mãe Natal.

Jo – Então é verdade? Ganhou mesmo?

Alex – Cinquenta mil euros.

Ben – E pensar que alguns te achavam um falhado... Eu vi logo, tens cara de vencedor.

Sissí – Achas mesmo?

Jo – Eh, calma, bruxa, eu conheço-o antes de ti.

Ben – Há pouco dizias que ele era um deprimido chato... Eu sei como fazê-lo feliz, não é, Sissí?

Alex – Desculpa, Ben, mas o que o deixa feliz é a Mãe Natal. Não é verdade, Sissí?

Jo – Bem, a Mãe Natal também não trabalha de graça. Tens com que pagar?

Alex – Agora estão fechados todos os quiosques. Mas amanhã de manhã terá o dinheiro, com certeza.

Sissí – E agora que sou milionário, as mulheres vão cair a meus pés.

Pat – Não te entusiasmes muito, Sissí, são só cinquenta mil euros. Se fosse a ti, aproveitava as coisas boas conforme viessem.

Alex – Tem razão. Como dizia o poeta: "Colhe as rosas da vida enquanto podes". Embora, claro, aqui as opções não sejam muitas...

Pat – Como dizia a minha avó, "em tempo de guerra, qualquer buraco é trincheira".

Alex – Tenho a certeza de que a Ben tem tudo para fazer um homem feliz. E, além disso, não pede para ser paga adiantado...

Sissí – Não será contagiosa, pois não?

Alex – A Ben?

Ben desaba como um peso morto.

Alex – Devem ser os comprimidos que tomou...

Pat – Mais a sangria. Eu também estou um pouco tonta...

Alex – Vá lá, Jo... É passagem de ano. Um gesto bonito!

Jo – Bem, está bem... Mas quero o meu dinheiro amanhã, combinado?

Alex – Prometido. Amanhã de manhã, à porta da administração da lotaria.

Jo – Vamos, querido, vem com a mamã...

Jo leva Sissí.

Pat (*enternecida*) – Parece que os casais se formam.

Alex – Pois é... Desta vez, ficamos só nós as duas...

Pat parece desconcertada.

Escuro.

No dia seguinte. Ben continua caída num canto, encostada a uma caixa. Alex e Pat saem da tenda Quechua.

Alex – Estás bem.

Pat – Continuo tonta... Não sei o que ele pôs naquela sangria...

Alex – Prefiro nem saber.

Pat – Não me lembro de nada... Mas, o que estamos a fazer nesta tenda?

Alex – Não te lembras mesmo?

Pat olha para ela, preocupada. Sissí aparece, radiante.

Alex – Então, Sissí, contente?

Sissí – Contente? Claro que sim! Sou rico! Todos os meus problemas de dinheiro estão resolvidos. Vou poder pagar a renda e desfazer as caixas!

Alex – Se fosse a ti, esperava um pouco antes de abrir as caixas.

Sissí – Porquê?

Pat – Agora que és rico, talvez queiras mudar-te para um apartamento maior.

Sissí – Sim, isso é verdade.

Alex – Não, quando dizia contente... referia-me mais à noite que acabaste de passar... com a Mãe Natal.

Pat – Foi a tua primeira vez, não foi?

Sissí – Para ser honesto, com todos os calmantes que tomei ontem à noite, não senti nada...

Alex – Puxa, que pena...

Sissí – Na verdade, no estado em que estava, nem tenho a certeza de que a Mãe Natal não fosse, na realidade, o Pai Natal...

Pat – Ah, claro...

Sissí – Bem, o importante é que ganhei a lotaria. Vou já ao quiosque levantar o prémio grande.

Alex – Não sei se terão dez mil euros em dinheiro, mas dir-te-ão onde podes ir...

Sissí – Dez mil? Ontem não disseste cinquenta?

Alex – Ah, sim, desculpa, cinquenta, talvez...

Ben volta a si.

Ben – Olá...

Sissí – Ah, Ben! Obrigado mais uma vez por teres vindo à minha festa. Espero que te tenhas divertido.

Ben – Sim, mas não sei muito bem para onde vou. Os meus pais expulsaram-me de casa.

Sissí – Podes ficar com a minha tenda Quechua. Já não preciso dela.

Ben – Isso é muito gentil, obrigado.

Sissí – Bem, vou andando...

Ben – Posso acompanhar-te, se quiseres?

Sissí – Claro...

Ben (*às outras*) – Continuamos em contacto pelo Facebook, não é?

Alex – Claro, espero que tenhas wifi na tua tenda Quechua.

Pat – Feliz ano...

Sissí – Fecham a porta ao sair?

Sissí e Ben saem.

Alex – É melhor irmos antes que ele volte.

Pat – Porquê?

Alex – Porque ele não ganhou nada!

Pat – Como assim?

Alex – A lotaria, os resultados que lhe dei, são inventados. Ele não ganhou nada.

Pat – Estás a brincar?

Alex – Não me digas que acreditaste numa história assim.

Pat – Isso é horrível! Quando ele perceber que não é verdade...

Alex – Vai ter uma boa razão para se suicidar. Mas pelo menos, graças a mim, não morrerá virgem.

Pat – Nem sequer temos a certeza de que tenha passado a noite com uma mulher de verdade...

Alex – O importante é que tenha passado uma boa noite. E nós também... Além disso, não é como se lhe tivéssemos dito que era milionário. São só cinquenta mil euros, no fim de contas.

Pat – Diz-me que não é verdade...

Alex – Queria dar-lhe o prémio grande, mas enganei-me um pouco nos números.

Pat – Isso é horrível!

Alex – Tivemos uma passagem de ano grátis! E ainda por cima ele perdoou-nos a contribuição para os custos da sua festa de merda. Vamos embora antes que ele mude de ideias.

Pat – É incrível... De onde tiraste uma história assim?

Alex – Os jogos do azar e do amor, lembras-te? É mais ou menos o guião da minha peça.

Pat – Bem... Enfim, tens razão... Pelo menos terá conhecido o amor...

Alex – Tecnicamente, não sei se se pode dizer que deixas de ser virgem depois de passar a noite com um travesti, mas pronto...

Pat – De qualquer forma, tens razão, é melhor termos saído antes que ele volte.

Alex – Não nos deixámos nada?

Pat – Acho que não...

Alex – Olha, vou recuperar a minha garrafa de cava, já deve estar descongelada. Vai dar jeito para o ano que vem...

Pat – Acho que foi a pior passagem de ano que já tive. E tu?

Alex – Deixa-me pensar... Não. A minha pior passagem de ano foi há três anos...

Pat – Não sei se quero ouvir isso...

Saem juntas.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Janeiro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-311-8

Documento para download gratuito